



Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia do Brasil

Província Brasil-Sul

Comissão Provincial da Escola para Formação Permanente de Leigos Educadores
Reunião das Diretoras e Leigos Formadores – Novembro de 2011

À BEIRA DO POÇO¹

Geni Amélia Nader Vasconcelos²

Há na vida de Paula Frassinetti gestos, falas, iniciativas que nos interpelam com muita força. À beira de um poço, na casa de Santo Onofre, em Roma, em meados do século XIX, Paula protagonizou uma situação assim.

Era um período de efervescência política em torno da unificação da Península Itálica. Na primeira metade do século XIX, o que hoje conhecemos como Itália era um agrupamento de estados independentes, alguns deles controlados pela Áustria. A península tornou-se palco de movimentos nacionalistas que afloraram em diferentes lugares e apresentaram motivações e projetos variados.

Na região sul da Itália, a luta foi liderada por Giuseppe Garibaldi. Os franceses, que apoiavam o papa na disputa pela manutenção de suas terras e poder, cortaram a canalização da água para abalar a resistência dos garibaldinos, fazendo-os sucumbir de sede.

Foi neste cenário conflituoso que um soldado garibaldino apresentou-se à portaria da casa de Santo Onofre. Muito enfraquecido, pedia por água. Conduzido por uma irmã até Paula, o soldado foi acolhido com ternura. Pôde saciar sua sede em um poço existente na cozinha da casa. O comandante ao saber o que ocorrera, recorreu a Paula, pedindo por água para seus outros soldados. A resposta de Paula, como toda esta história, é bem conhecida de todos nós.

- Enquanto houver água para nós, também haverá para vós.

¹ Texto preparado para a Reunião de Diretores da Província Brasil-Sul da Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, realizada em Jundiá (SP) em setembro de 2011.

² Mestre em Educação. Professora da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia e Coordenadora Pedagógica no Colégio Nossa Senhora das Dores (Nova Friburgo – RJ).

A força do gesto e das palavras de Paula nos atinge em cheio. Convida-nos a abraçar esse acontecimento como experiência. O que isso significa?

Perguntar pela experiência é perguntar pelo que nos acontece, pelo que nos toca, pelo que se passa em nós. Ainda que vivamos em um mundo no qual tantas coisas se apresentam, nem sempre, no corre-corre cotidiano, os acontecimentos nos oportunizam uma experiência. A experiência requer que nos deixemos abordar pelo que nos interpela, submetendo-nos a isso. A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção. A experiência exige, como aprendemos com tantos outros, parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, abrir os olhos e os ouvidos (Larrosa, 2008).

Por isso, nos reunirmos para um encontro como este, pode ser uma oportunidade fecunda para subverter essa lógica e refletir a respeito de nossa experiência, para nos deixar atravessar por situações como aquela que Paula protagonizou à beira de um poço.

Ao longo da História, e ainda hoje, aprendemos a olhar o outro pela mira de armas, pelas fogueiras da Inquisição, pela perseguição aos inimigos políticos, pelo exílio ou extermínio dos que classificamos como infiéis, hereges, transgressores.

Ao longo da História, e ainda hoje, construímos uma noção de humanidade muito redutora na qual certos outros nada são. Não têm existência para nós e o que lhes acontece não nos diz respeito, não passa por nossa responsabilidade.

O gesto de Paula nos convoca a uma outra mirada: mostra-nos sensibilidade para o apelo trazido pelo outro. O outro – o garibaldino – que ela poderia ter classificado como inimigo e ignorado por estar vinculado a um grupo que lutava contra interesses defendidos pela Igreja.

Paula, à beira do poço, nos lembra que nenhuma dor pode nos ser indiferente, pois pertencemos à mesma humanidade. Somos filhos e filhas do mesmo Pai. A humanização do mundo exige a passagem de um *coração de pedra* para um *coração de carne*.

O coração de Paula, coração sensível, mostrava-se atento a todas as coisas – até àquelas que poderiam ser consideradas menores –, vivendo o cotidiano como lugar privilegiado para o encontro com Deus.

Somos seres relacionais e o significado de nossa vida só pode ser compreendido a partir dessa perspectiva. Deus é relação. Uma comunhão de Três pessoas que são Um, em um intercâmbio inefável de acolhida, dom e partilha. Neste mistério somos chamados a perceber como é divino o acolher, o doar, o compartilhar, *visto que Pai, Filho e Espírito são entre eles, e um para o outro, uma eterna acolhida, um eterno dom, uma eterna partilha* (ROCHETTA, 2002, p. 41).

O Senhor do domingo de Páscoa, ensina-nos mais uma vez Rocchetta (p.454), não é um outro em relação ao Jesus da História e não é tampouco um Jesus-só-alma; é o Cristo transfigurado, com toda sua corporeidade e sua historicidade. (...) A partir desse evento estão excluídas, por princípio, orientações teóricas ou escolhas práticas que conduzam a perceber o amor evangélico como um espiritualismo abstrato ou alienante da História, e não como um evento que, por meio da graça, transforma todo o homem, espírito e corpo e orienta a renovar os homens e o mundo.

No original grego do Novo Testamento, ao referir-se à dimensão milagrosa de Cristo, os evangelistas usam a palavra *splacnisomai*. Essa palavra corresponde a um verbo desaparecido nos séculos II e III de nossa era e que hoje poderíamos traduzir, literalmente, como sentir com as tripas. Para os que estiveram perto do Jesus histórico, os sinais mais impressionantes de sua grandeza estavam na capacidade de aproximar-se de enfermos e miseráveis sentindo-os com suas vísceras. *Splacnisomai*, passou a ser traduzida como misericórdia, mas pode ser compreendido como um pedido a Deus para que nos sinta com suas vísceras, no mais íntimo de nosso ser (Restrepo, 2000).

Enquanto seguidores de Cristo, não temos o compromisso fundamental de encarnar o amor e tornarmo-nos exemplos de afeto e cuidado pelo outro e pelo mundo?

Paula, à beira do poço, nos convida à redescoberta do amor como força capaz de renovar a vida, transformar a sociedade, começando por aquele espaço no qual nossa vida acontece: o cotidiano.

É o próprio Cristo quem nos diz:

Eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebeste em casa: estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão e fostes visitar-me.

Os outros, para o Cristianismo, não representam uma abstração genérica. São pessoas de carne e osso, com um nome, um rosto, uma história, expectativas e sonhos. Os outros, para o Cristianismo, são pessoas que esperam um olhar, um sorriso. São pessoas que têm necessidade de um aperto de mãos, de contatos solidários, de amizade e de solicitude. O amor se dirige à historicidade concreta destes outros, à totalidade do ser de cada um deles.

Este é o desafio ético que nos interpela como pessoas de fé e como sujeitos nesta sociedade do Terceiro Milênio: entendimento dos outros, dos tantos e diferentes outros como pertencentes à mesma humanidade, como dignos de uma convivência social mais fraterna, mais justa e respeitosa com todos e com cada um.

É no modo de considerarmos, de sentirmos o outro que a questão ética se configura. Ética, ensina-nos Humberto Maturana, implica nos importarmos com o que se passa com os outros. Quando estou na emoção de aceitação do outro, o que lhe acontece possui significado e presença para mim. Inversamente, quando o outro não pertence ao meu espaço de aceitação, o que lhe acontece não me toca, não me diz respeito.

Recorrendo a uma passagem de sua vida para explicar esse seu posicionamento, Maturana nos narra que, em Londres, visitando uma exposição fotográfica com imagens da explosão em Hiroshima, ouviu de um de seus amigos ao sair do museu: E o que me importa que tenham morrido cem mil japoneses; se eu não conheci nenhum? Essa colocação levou Maturana (2006, p. 49) a indagar:

Como vai lhe importar o que acontece com o outro, se o outro não tem existência para ele, porque não o leva em conta? Não lhe importa o que acontece ao outro (...). Não há preocupação pelo outro se o outro não pertence ao domínio de aceitação no qual se está, o domínio social no qual se está.

Quando o ser humano não experimenta pelo outro nenhuma consideração, não vê no outro semelhante, não há como falar de preocupação ética. O outro é um estranho. O reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência supõe uma escuta sensível de modos idiossincráticos de perceber, sentir, praticar a existência e uma receptividade à afetação por eles provocada. Requer abraçar uma responsabilidade radical para com o outro, deixando-nos impactar pela sua alteridade (VASCONCELOS, 2010, p.7).

Paula, à beira do poço, nos faz experimentar a força de um amor maior. Um amor que nos plenifica e quer se expressar também em nosso amor pelos irmãos e irmãs.

Recebemos do Cristo esta incumbência: *Amai-vos uns aos outros*. Jo 15,17

A tematização da afetividade não pode continuar confinada ao *quarto de Santo Aleixo*³.

A razão (*Lógos*) reveste-se de um papel insubstituível na história humana, mas não pode isolar, ignorar, desconsiderar o *Páthos*, o sentimento profundo de nosso ser, o amor à pessoa e à vida. A razão não pode reinar absoluta. É chamada a articular-se à compaixão, ampliando seu papel para muito além do uso meramente instrumental.

O afeto assume múltiplas e diferentes faces, mas permanece sempre como um acontecimento, como uma graça que se origina do alto e invade a existência humana. O afeto pode ser entendido como uma nova consciência de ser. Um novo modo de levar a existência, transversalizado pelo amor e cuidado pelo entorno, capaz de ser tocado pelo rosto e pelas desventuras dos outros, e, assim, renovar a face da Terra.

Paula à beira do poço nos mostra que não podemos viver fora dos embates do mundo. Não podemos nos afastar dos outros, dos diferentes. Estamos visceralmente mergulhados no mundo, imersos em seu pluralismo e conflitividade e é neste mundo que somos chamados a encontrar Deus. A história humana é o lugar e o meio da realização da salvação.

Num mundo em que diferenças abafadas ao longo da História conquistam mais terreno e no qual grupos fundamentalistas assumem, em nome de sua religião ou outra marca identitária, atitudes xenofóbicas, a convivência no amor é uma importante contribuição da espiritualidade cristã para a reconciliação de um mundo que se mostra com frequência tão fraturado. Não se trata uma espiritualidade alheia ao mundo, mas engajada, consciente de ser responsável pelo mundo. Como nos lembra Grun (2008 p. 69),

na cruz, Jesus estende os braços, a fim de abranger no seu amor apaziguador o mundo inteiro, sem excluir nada ou ninguém. Na cruz, Jesus abraça por assim dizer, o cosmo inteiro. Isso significa também que nada no cosmos nos é estranho. Teremos de nos unir com tudo. Não

³ Cubículo debaixo da escada, um lugar menor.

podemos olhar para a cruz de Jesus sem nos reconciliarmos com aqueles que vivemos combatendo, ou que rejeitamos porque seguem outro caminho.

Paula, à beira do poço continua nos provocando:

Quem são os outros, sujeitos concretos, encarnados que hoje se apresentam a nós e precisam ser acolhidos como irmãos e irmãs?

Como nos relacionamos com eles quando deles nos aproximamos? Olhando-os de cima para baixo, ou olhando-os e deixando-se ver lado a lado?

De que têm sede?

Que Paula, à beira do poço, se plante em nossas mentes e corações e continue nos interpelando de modo a colaborarmos, no hoje da História, com o projeto do Pai!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRÜN, Anselm. **Espiritualidade e Entusiasmo**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19 - p.21 a 28. Disponível em: <www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04>. Acesso em: 16 jun. 2008.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

NOVO TESTAMENTO. Conferência dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulinas /Loyola: 1997

RESTREPO, Luís Carlos. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROCCHETTA, Carlo. **Teologia da Ternura um Evangelho a Descobrir**. São Paulo: Paulus, 2002.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader Vasconcelos. **Diálogo com Humberto Maturana**: interpelações sobre a ética. Revista Tessituras. 1º semestre 2010. nº 1. Disponível em: <http://www.docentesfsd.com.br/arquivo/GeniNader_dialogo_com_humberto_maturama.pdf> Acesso em: 15 set. 2011.